

JOVEM/JUVENTUDE NAS PESQUISAS: DESAFIOS

Bento Souza Borges¹
Liliane Rodrigues Vaz²

RESUMO

Este artigo apresenta para discussão as dificuldades enfrentadas por pesquisadores cujo objeto de estudo seja a juventude/o jovem. É alvo desta análise a abordagem dos desafios de definição do objeto de pesquisa quando se aborda o tema da juventude; de definição de quem se enquadra na categoria de jovem que possa ser pesquisado; de tratar a juventude no singular ou no plural; de definir o papel do consumo na constituição da identidade do jovem; ler a participação política dos jovens na esfera pública; os desafios enfrentados por educadores e escolas para atendimento a esse jovem.

PALAVRAS-CHAVE: Jovens; pesquisa; geração Y, educação.

ABSTRACT

This article discusses the difficulties faced by researchers who have as study object the youth/ the young person. The aim of this analysis is the approach of the definition challenges in relation to the research object when the youth theme is approached. The definition challenges about the ones who can be put in the category of young person that can be researched. About treating the youth in the singular or plural. About defining the role of the consumption in the constitution of the young person identity. About reading the political participation of the young people in the public sphere. And, finally, about the challenges faced by educators and schools to respond to this young person.

KEYWORDS: Young People. Research. Y Generation. Education.

INTRODUÇÃO

Minha maior fonte inspiradora para a apresentação deste artigo foram os textos lidos e analisados para redação de um projeto de pesquisa e participação no Programa de Pós- Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia cujo objetivo era de analisar a mudança do perfil do aluno universitário e as mudanças experimentadas pelo trabalho docente em sala de aula em função das características desse “novo” público”.

1-Aluno do Programa de Pós-graduação da Universidade Federal de Uberlândia – Doutorando em Educação na linha de pesquisa: Política, Saberes e Práticas Educativas. E-mail: bentoprof@yahoo.com.br

2- Pedagoga. Analista Educacional- Inspetora Escolar

O referencial teórico utilizado no referido projeto trata de maneira mais geral do tema “Juventude” e, mais especificamente os jovens da chamada Geração Y, suas especificidades, seu comportamento e suas formas de comunicação. Serviu também como fonte de inspiração os textos e autores discutidos na disciplina Pesquisa em Educação ministrada pela professora Selva Guimarães Fonseca e Epistemologia e Educação ministrada pelo professor Armindo Quillici Neto, onde nos foram apresentadas teorias do conhecimento e metodologias de investigação, tendo como eixo básico a pesquisa em educação.

Nesses termos, a intenção deste artigo não é o de apresentar ou discutir os textos lidos e sim refletir sobre os desafios enfrentados quando o objeto de pesquisa é “jovem” ou “juventude”. Esta é uma oportunidade para que eu possa já pensar sobre os delineamentos que darei ao processo de pesquisa para a redação da tese de doutorado. Isso talvez possa também ajudar futuros pesquisadores sobre o tema a construírem metodologicamente seus objetos de pesquisa de forma menos conflitiva com a realidade que se nos apresenta quando abraçamos esta tarefa.

Assim serão apresentados alguns desafios enfrentados por pesquisadores quando o tema a ser tratado é sobre jovens ou juventude. Como há a pretensão de desenvolvimento de uma tese analisando o perfil do aluno universitário, as características que o situam no universo da Geração Y e o que isso influencia na prática docente em sala de aula é necessário um conhecimento teórico dos desafios que terão que ser enfrentados no desenvolvimento da pesquisa.

I- DIFERENTES CRITÉRIOS PARA DEFINIÇÃO DE JUVENTUDE

A cada dia que passa sofremos influências diversas que nos fazem mudar a maneira de compreender a juventude e entender os jovens. A mais comum dentre elas é ver a juventude como uma fase transitória, na qual o jovem ainda não está pronto e que, só quando for adulto é que suas ações juvenis terão sentido. Sendo assim, é comum que se veja essa fase da vida como incompleta, visto que o jovem ainda será um adulto e que o seu presente não é tão importante.

Lara (2008) afirma que essa concepção

...está muito presente no universo escolar aonde em nome do “vir a ser” do aluno, traduzido no diploma e nos possíveis projetos de futuro, tende-se a negar o presente vivido dos jovens como espaço válido de formações, bem como as questões existenciais que eles expõem, mais amplas do que apenas o futuro (p.2).

Outra maneira que temos de ver a juventude é como uma fase romântica. Essa visão é fruto das investidas da indústria cultural e de um comércio direcionado a esse público, que é facilmente percebida nas roupas, nos acessórios, nas músicas, revistas e demais produtos. Dessa forma a juventude passa a ser percebida como uma fase de liberdade e de prazer e um momento para se expressar de modo diferente e até mesmo exótico. Também é nessa fase que é permitido, ou melhor, que se tem maior tolerância ao comportamento irresponsável dos jovens.

Lara (2008, p.2) afirma que

Foi na mudança social promovida a partir dos anos 50, que se estabeleceu uma cultura juvenil-adolescente na sociedade contemporânea. Marcada, inicialmente, pelo movimento *beat*, expressando o caráter pessimista de uma parcela jovem descrente do passado e do futuro.

Bueno e Goes (1984) definiram o estilo beat como textos em ação, prosa espontânea, frases do corpo em movimento, poesia brotando como visões do céu e do inferno, ligação direta da arte e da vida, da palavra e do corpo. Assim é a literatura beat, palavras intensas que batem de frente com o conformismo. Os beats criaram não só um novo mundo literário, como mostraram aos leitores uma nova forma de vida, liberdade e vontade de mudança.

Também na música, outro movimento que influenciou muito a cultura jovem foi o rock and roll, que teve a capacidade de levar um toque de irreverência e descontentamento, expressando as desesperanças e associado à delinquência juvenil nos anos 50.

Além da música, o cinema também participou da mudança ou da formação dessa cultura jovem, difundindo novos modelos de comportamento, como os personagens adolescentes interpretados Marlon Brando e James Dean que acabaram se tornando símbolos de uma juventude problemática não compreendida pelos adultos. Isso é facilmente percebido, por exemplo, no filme *Juventude Transviada* (1955) que retratara temas como a rebeldia juvenil, sexualidade reprimida, problemas familiares com os jovens para uma sociedade extremamente conservadora da época.

Dessa forma, torna-se importante analisar esses modelos construídos sobre a juventude, pois corremos o risco de pensar a juventude de maneira negativa, dando maior ênfase às características que lhes faltam para chegar ao ser adulto e assim não será possível apreender os modos pelos quais os jovens reais constroem a sua experiência como tais.

Os critérios que constituem uma definição da juventude são sempre investidos de diversos símbolos e valores, sendo dominantes os aspectos históricos, sociais e culturais e

ficando quase sem expressão os de caráter biológico ou jurídico. Daí a dificuldade em sua definição. Cada juventude pode definir e reinterpretar à sua maneira o que é ser jovem, buscando contraste não só em relação às crianças e adultos, mas entre outras juventudes.

Segundo Levi, (1995, p.9) os indivíduos não pertencem a grupos etários; eles passam por faixas etárias. Ao atravessarem essas faixas, que pode ser com maior ou menor espaço de tempo, estabelecem com a sociedade uma condição de jovem, que caracteriza a juventude, determinando tanto as atitudes sociais, a atitude dos outros no seu confronto, quanto à visão que os jovens têm de si mesmo.

A concepção de juventude adotada pela sociologia trata de questões relacionadas ao passamento de diferentes funções sociais, da infância para a fase adulta. A simbologia adquirida para o que os jovens representam como seres promissores ou ameaçadores, como frágeis ou fortes se articulam nessa construção cultural. Nessa ambivalência de olhares as sociedades sempre construíram a juventude como um fato social intrinsecamente instável, como uma realidade cultural carregada de uma imensidão de valores e de usos simbólicos, e não só como um fato social simples, analisável de imediato.

II- QUEM SÃO OS JOVENS ?

O Estatuto da Criança e do Adolescente (Brasil, 1990) aprovado em 13/07/1990 (Lei 8069), considera criança, para os efeitos da Lei, o menor de 12 anos, e adolescente aquele com idade compreendida entre 12-18 anos, não fazendo qualquer referência à chamada juventude. Para as Nações Unidas, são jovens os indivíduos com idade entre 15 e 24 anos, mas salvaguarda que, de acordo com a realidade, cada país pode estabelecer sua “faixa jovem”. Para a CNPD - Comissão Nacional de População e Desenvolvimento -, a estratificação do grupo jovem (15-24 anos) é dividida em faixas de idades que correspondem a público-alvo, subdividindo os seguintes recortes etários: 15 a 17 anos - jovens adolescentes; 18 a 20 anos - jovens; e 21 a 24 anos, jovens adultos. Segundo os institutos de pesquisa (Ibope e Ipsos/Marplan) os jovens são identificados na faixa etária dos 15 aos 24 anos. No Brasil, de acordo com a Lei 11.129, de 30/06/2005, para fins das Políticas Públicas do Governo Federal, jovem é o brasileiro que se encontre na faixa etária entre 15 e 29 anos.

Até meados dos anos 1970 as fases da vida de um sujeito eram claramente definidas e obedeciam a uma sequência mais ou menos previsível. Após a sociabilização durante a infância, com quase total dependência em relação aos pais, chegava-se, em torno dos 15 anos, à adolescência, o que marcava uma autonomia ainda que relativa na busca pela independência dos pais e no rompimento dos laços familiares.

No período entre os 18 e os 25 anos, que genericamente passa a ser tratada como juventude o que se esperava é que o jovem já estivesse maduro o bastante para entrar na vida adulta. A partir daí, os acontecimentos seguiam uma certa previsibilidade: começava-se a trabalhar, casava-se, nasceriam os filhos, aposentava-se e assim por diante.

Contudo, a partir da década de 80 essa previsibilidade dos acontecimentos começa a cair por terra. Os fatos nem sempre seguiam uma sequência e os comportamentos que teoricamente fugiam das convenções passaram a ser mais facilmente aceitos pela sociedade. A infância se está cada vez mais curta, a adolescência se estica, e torna-se comum que o amadurecimento e a passagem para a vida adulta aconteçam somente quando o jovem sente segurança na sua inserção no mercado de trabalho. Essa situação tende a ocorrer depois dos 30 anos e, é cada vez mais comum isso acontecer ainda na casa dos pais.

Segundo estudo feito pela Escola Nacional de Ciência Estatística, órgão do IBGE, só no Rio de Janeiro, 29% dos adultos solteiros com mais de 30 anos moram com os pais, e, entre todos os filhos que moram com os pais, um quarto tem mais de 30 anos, sendo mais da metade (54%) homens, ao contrário do que se poderia imaginar. Esse é um fenômeno mundial. Nos EUA, por exemplo, é muito grande o número de filhos que voltam a morar com os pais depois de se formarem em universidades fora de seus estados, daí a expressão bumerangue.

Além dessas mudanças na sequência de vida das pessoas, ainda há o fato de que muitos casais decidem por ter filhos por volta dos 40 anos. Assim, a meia idade já não está mais nessa idade e, sim, lá pelos 60 anos já que grande parte das pessoas nessa faixa etária se sente em total falta de sintonia com sua idade real. As pessoas de 20, 30 e 40 anos estão cada vez mais parecidas, assim como as de 50, 60 e 70 anos.

Para muitos jovens o período dos 18 aos 30 anos traz a marca de grandes mudanças. É nessa faixa etária que concluem sua formação educacional, que se especializam e que se estruturam profissionalmente e financeiramente. Em torno dos 30 anos, a maioria dos jovens já fez suas escolhas. Trata-se efetivamente de uma fase marcante para as pessoas, tanto que, quando já adultas, ao refletirem sobre eventos que marcaram suas vidas, é comum que elas se lembrem, principalmente, de sua juventude.

No entanto, não são todos os brasileiros que fazem parte dessas mudanças. Somente alguns poucos, que possuem melhores rendimentos e níveis de escolarização é que apresentam esse comportamento, bem próximo ao modelo seguido nos países desenvolvidos onde a progressão na educação é fator decisivo na constituição da própria identidade juvenil. No Brasil o termo educação continuada já faz parte do projeto de vida daquelas pessoas com

melhores estruturas de rendimentos e, cada vez mais, passa a ser objeto de desejo das outras camadas sociais como “remédio” para o sucesso na vida.

A continuação dos estudos: essa é a justificativa para jovens que adiam a entrada na vida adulta e a saída da casa dos pais. Do ponto de vista das pessoas, a antecipação da entrada na vida adulta significa a eliminação de um importante momento de exploração e experimentação, tanto no campo da afetividade como na preparação e qualificação para tarefas mais produtivas e mais bem remuneradas. Do ponto de vista da sociedade, acarreta menos desenvolvimento, manutenção das desigualdades sociais e persistência da pobreza.

III – JUVENTUDE OU JUVENTUDES?

O conceito de juventude não pode ser encerrado em esquemas modulares tendentes à homogeneização. A pluralidade e circunstâncias que caracterizam a vida juvenil exigem que os estudos incorporem o sentido da diversidade e das múltiplas possibilidades do sentido de ser jovem. Essa diversidade presente no cotidiano nem sempre encontra correspondência nas representações existentes na sociedade sobre a juventude; é comum que essas sejam ancoradas em mobilizações sobre o que seria o jovem típico e ideal. Quase sempre os modelos se espelham em jovens de classe média e alta reforçando estereótipos nas relações entre as classes sociais.

A juventude é, ao mesmo tempo, uma condição social e um tipo de representação. Se há um caráter universal dado pelas transformações do indivíduo numa determinada faixa etária, na qual completa o seu desenvolvimento físico e enfrenta mudanças psicológicas, é muito variada a forma como cada sociedade, em um tempo histórico determinado e, no seu interior, cada grupo social vai lidar e representar esse momento. Essa diversidade se concretiza nas condições sociais (classes sociais), culturais (etnias, identidades religiosas, valores), de gênero e também das regiões geográficas, dentre outros aspectos.

Construir uma noção de juventude na ótica da diversidade implica, em primeiro lugar, considerá-la não mais presa a critérios rígidos, mas sim como parte de um processo de crescimento numa perspectiva de totalidade, que ganha contornos específicos no conjunto das experiências vivenciadas pelos indivíduos no seu contexto social. Significa não entender a juventude como uma etapa com um fim predeterminado, muito menos como um momento de preparação que será superado ao se entrar na vida adulta.

A juventude deve ser entendida como parte de um processo mais amplo de constituição de sujeitos, mas que tem suas especificidades que marcam a vida de cada um. A juventude constitui um momento determinado, mas que não se reduz a uma passagem,

assumindo uma importância em si mesma. Todo esse processo é influenciado pelo meio social concreto no qual se desenvolve e pela qualidade das trocas que esse proporciona. Assim, os jovens constroem determinados modos de ser jovem que apresentam especificidades, o que não significa, porém, que haja um único modo de ser jovem. É nesse sentido que enfatizo a noção de juventudes, no plural, para enfatizar a diversidade de modos de ser jovem existente. Assim compreendida, torna-se necessário articular a noção de juventude à de sujeito inserido em determinada realidade social e histórica.

IV- JUVENTUDE E PARTICIPAÇÃO POLÍTICA

Ao se tratar de participação política dos jovens é preciso desconstruir as imagens e certezas socialmente construídas que dificultam entender a sua participação na cena pública. É interessante entender de que forma os jovens estão se inserindo na esfera pública e de que modo eles tem, ainda que forçosamente, levado a uma outra percepção deles no contexto político, não sendo mais possível negar-lhes seus direitos ou negligenciar seu poder de participação.

Historicamente construiu-se uma imagem – que agora precisa ser superada – de que a participação política dos jovens está restrita à militância nos partidos políticos ou nos movimentos estudantis e é assim que normalmente se avalia o grau de participação política das novas gerações. A pesquisa “Os jovens e o consumo sustentável” (pesquisa realizada pelo Instituto Akatu no ano de 2002), por exemplo, revela que apenas 10% dos entrevistados declararam interesse pela política, menor do que aqueles que revelaram gostar de videogame (11%).

Esses números, analisados fora do contexto, reforçam a ideia de que o jovem é “desligado” politicamente, reafirmam a ideia de que a juventude não está engajada na solução dos problemas sociais do país e ainda reforçam a ideia de radicalidade e individualismo. No entanto, há que se refletir se essas imagens sobre a participação política dos jovens é real ou se as investigações envolvendo esse público ainda não conseguiram perceber novas formas e espaços de participação política.

Não há como negar que os jovens estão mais distantes das formas tradicionais de participação política, como em partidos e sindicatos, principalmente quando estes são dominados pelo nepotismo e clientelismo. No entanto, é notável que, ao contrário do que normalmente nos é apresentado, a juventude tem desenvolvido novas formas de participação social, algumas delas passando despercebidas, ou não sendo consideradas devido ao seu caráter descontínuo.

As novas formas e temas através das quais os jovens vêm se colocando na cena pública podem ser indicador de um quadro de crise das formas tradicionais de participação, o que aponta para processos de mutação no campo da política, no qual a ação coletiva dos jovens, bem como os movimentos sociais, podem estar ocorrendo de formas múltiplas, variáveis e com níveis diversos de intervenção no social, muitas vezes de forma fluida e pouco estruturada.

No Brasil, por exemplo, temos que a democracia participativa hoje é destaque mundial. Sobre isso, Lavallo (2006, p.5) afirma que “talvez pela primeira vez na história, a democracia e seu horizonte de reformas possíveis passaram a ser pensados, no hemisfério norte, a partir das experiências vivenciadas no hemisfério sul.” Segundo Lyra (2007, p.1)

Sabe-se que existem em torno de vinte e cinco mil conselhos de políticas públicas envolvendo a participação da sociedade: conselhos gestores, deliberativos e conselhos de direitos, em geral, de natureza consultivo-propositiva e de fiscalização; pelo menos duzentas experiências de Orçamento Participativo (OP) e mais de mil ouvidorias em funcionamento no país. Estes são os três principais institutos de participação cidadã na administração pública brasileira.

Além destes conselhos, os jovens, pelas suas características, estão exigindo muito mais participação e a democracia representativa como acontece no Brasil já não satisfaz seus anseios. Isto se dá pelas características de relacionamento quase totalmente virtual e a internet passa a funcionar como ferramenta de mobilização e engajamento político sobrepondo aos partidos e aos sindicatos.

Tanto os partidos quanto os sindicatos tem suas origens na revolução tecnológica industrial. Ao longo da história estes eram os melhores meios de formação de opiniões coletivas, difusão de ideologias para a maioria dos atos políticos. Este tipo de organização serve como intermediário entre os interesses individuais e coletivos junto à sociedade.

Atualmente, com o advento da tecnologia e das redes de comunicação, os jovens se conectam, expõem suas opiniões e pontos de vista e se organizam coletivamente sem nenhum intermediário. Já é possível sentir a força dessa rede nas manifestações e mobilizações contra ou em favor do preconceito, nos encontros de líderes - Fórum Mundial Social, por exemplo, nas marchas contra este ou aquele governante, nas manifestações anti (globalização, neoliberalismo) e outras mais.

As ações coletivas juvenis compreendidas como redes sociais, nos colocam diante da tensão existente entre a dimensão local e a dimensão global (Ortiz, 1991 e Garcia Canclini,

2005) tanto do ponto de vista da produção cultural quanto do ponto de vista espacial. Essa discussão tem de ser apresentada no contexto do processo das transformações sócio-culturais que vêm alterando o perfil da produção social em âmbito mundial. Ela tornou as populações locais informadas sobre mercadorias, estilos de vida, símbolos e culturas remotas, como nunca dantes; mas, graças à substancial ampliação dos horizontes dentro dos quais as populações locais medem suas realizações, talvez tenha intensificado o sentimento de privação relativa.

A dinâmica de funcionamento das redes é diferente da partidária. Nas redes o movimento é horizontal e não existe a hierarquização como nos partidos sendo que este foi o principal aspecto para o sucesso dos partidos e sindicatos na era industrial. Na rede raramente há eleições para hierarquização das ações. Só participa quem quiser, a adesão é voluntária e quanto maior a adesão, maior a mobilização.

Como a dinâmica em rede é relativamente nova ainda não foi capaz de se transformar numa nova ordem o que deve acontecer em pouco tempo. Por outro lado os partidos sim, continuam estabelecendo – não se sabe até quando - uma nova ordem, assumem o poder e governam.

A dinâmica em redes é uma tendência mundial com números cada vez maiores e com um potencial democratizante muito grande, o que nos leva a questionar até onde a democracia representativa se manterá. A internet, cada vez mais popular e cada vez mais utilizada como plataforma de mobilização nos leva a crer que está nascendo uma nova relação dos cidadãos com a democracia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Longe de tratar de conclusões, gostaria de fazer algumas considerações finais ao que me propus a apresentar aqui, principalmente em relação ao tratamento às dificuldades enfrentadas por pesquisadores quando o tema é jovens ou juventude visto que os conceitos referentes a estes termos sofrem influências diversas ao longo da história.

A participação dos jovens nos movimentos e transformações sociais não era considerada até bem pouco tempo atrás. Isso graças a uma sociedade extremamente conservadora que via o jovem como sinônimo de imaturidade, ignorância e dependência dos adultos. No entanto, a partir da segunda metade do século XX, isso começou a mudar consideravelmente.

A juventude nascida na década de 1980 integra, de acordo com alguns estudiosos e analistas, a chamada geração “Y” e, para os mais novos ainda, geração “Z”. Esses jovens

convivem com uma enxurrada de tecnologias que os colocaram em contato simultâneo com a TV, telefone celular e internet. Essas características específicas desses jovens nos forçam a diferentes olhares e abordagens, inclusive na área educacional. Professores precisam “se adequar” aos moldes desse novo público, alterando suas metodologias e toda sua prática visto que o “tradicionalismo” não consegue mais atender as necessidades desse aluno.

Atualmente são inúmeros os campos de estudos que fornecem indicações científicas sobre aspectos da situação desses jovens: antropologia, psicologia, psicanálise, sociologia. Uma enorme quantidade de literatura sobre a adolescência vem sendo produzida e, as numerosas teorias já existentes, resultam em pontos de vistas diferentes. Embora alguns falsos conceitos sobre juventude tenham sido eliminados, há muitos pontos de vistas não aclarados, o que torna mais complicado certos conceitos, definições e a abordagem de aspectos referentes à juventude. Esses aspectos envolvem questões complexas advindas de diversas áreas do conhecimento. Por exemplo, a definição de jovem para o campo da biologia difere-se daquela dada pela psicologia. Aspectos do comportamento juvenil se abordados pela sociologia serão extremamente distintos se abordados pela psicanálise e assim por diante.

Os fundamentos das múltiplas teorias existentes resultam em posições teóricas diferentes com reflexos na ação dos profissionais que trabalham com essa faixa etária, refletindo-se na educação, nas relações familiares e sociais e na elaboração de programas voltados para essa faixa etária, ficando o pesquisador com uma diversidade muito grande de teorias tratando do mesmo tema, o que deixa o seu trabalho ainda mais complexo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORELLI, Silvia Helena S. e FREIRE FILHO, João (orgs.) (2008). **Culturas juvenis no século XXI**. São Paulo: EDUC.

BOURDIEU, Pierre (2001). **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)**. Lei Federal nº 8.069, de 13 de julho de 1990.

BRASIL. **Lei nº 11.129 de 30 de Junho de 2005**. Diário Oficial da União, Brasília, 01/07/2005.

BRASIL. CNPD - Comissão Nacional de População e Desenvolvimento (2007). **Evolução e Características da população jovem no Brasil**. In: **Jovens acontecendo na trilha das políticas públicas** - vol. I. Brasília: CNPD.

BUENO, André & GOES, Fred. **O que é Geração Beat**. São Paulo: Brasiliense, 1984

GARCIA CANCLINI, Néstor (2005). **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.

GERTH, H. H.; MILLS, C. Wright. (2002). **Max Weber: ensaios de sociologia**. Rio de Janeiro: LTC.

IBOPE - Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (2007). **Levantamento socioeconômico 2007**. São Paulo: Ibope.

LARA, Marcos Rodrigues de. **Desafios metodológicos de pesquisa sobre jovens no Brasil Contemporâneo**. Revista ponto-e-vírgula, 4: 217 – 230, 2008.

LAVALLE, Adrián Gurza; HOUTZAGER, Peter P. e CASTELLO, Graziela. **Representação política e organizações civis: novas instâncias de mediação e os desafios da legitimidade**. São Paulo, *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v.21, n.60, fev. 2006. Artigo impresso via internet. 28 p.

LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean-Claude. (org.) (1996-a). **História dos jovens 1. Da antiguidade à era moderna**. São Paulo: Companhia das Letras.

LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean-Claude. (org.) (1996-b). **História dos Jovens 2. A época contemporânea**. São Paulo: Companhia das Letras.

LYRA, Rubens Pinto (2007). Democracia representativa x democracia participativa: a representação do estado e da sociedade civil nos conselhos de políticas públicas. In: **Anais do II Seminário Nacional Movimentos Sociais, Participação e Democracia**. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, Brasil.

ORTIZ, Renato (1991). **A Moderna Tradição Brasileira**. São Paulo: Perspectiva.